

A dedução parece razoavelmente clara: muita gente sabia coisas a respeito do crime, mas não falava. Lower Quinton situa-se no meio de uma área de bruxaria. A três quilômetros de distância, numa alta elevação, erguem-se as Rochas de Rollright, monumento provavelmente tão antigo quanto Stonehenge e inegavelmente local de reunião de bruxas no passado. É uma região de colinas cobertas por matas, estradas tortuosas, chalés de pedra e nomes sinistros: Cotovelo do Diabo, Massacre de Cima e Massacre de Baixo. O próprio Monte Meon, em cuja sombra ocorreu o crime, tem sinistra fama de ponto de encontro de bruxas.

Donald McCormick, autor de um livro sobre o caso, relata uma conversa que presenciou no bar local, em que um morador disse saber de duas bruxas que ainda viviam na região, enquanto o outro afirmava ter sido casado com uma bruxa que depois o abandonou. O próprio Charles Walton tinha fama de ter o poder da premonição. Quando garoto, vira um cão negro durante três noites consecutivas sobre o Monte Meon. Na terceira noite, o bicho se transformara numa mulher sem cabeça, e no quarto dia sua irmã havia morrido. Ele criava sapos grandes no quintal, e quando morreu ainda havia muitos pelo jardim da casa. O próprio inspetor Fabian viu um cachorro preto descer correndo o Monte Meon, seguido de perto por um lavrador. Mas quando perguntou ao homem sobre o cão, que ele perdera de vista, o lavrador empalideceu e perguntou de volta: "Que cachorro?" Naquela mesma tarde, o carro da polícia atropelou um cachorro. E no dia seguinte uma novilha morreu numa valeta — a segunda desde a chegada de Fabian.

O assassinato de Charles Walton até hoje está sem solução, mas é possível tentar "adivinhar" o que ocorreu, com base nas informações existentes. Acreditava-se que Walton fosse um bruxo, e seus hábitos de eremita reforçavam a impressão. Criava sapos — estranho afazer —, e um habitante do lugar disse a Donald McCormick que Walton às vezes atrelava aos sapos um arado de brinquedo e deixava que corresse pelos campos. Isobel Gowdie disse que usava o mesmo método para obter safras ruins. Os sítiantes por certo *tiveram* safras ruins no ano anterior — muitos chegaram mesmo a se queixar a Fabian a respeito disso. Era 1945, último ano da guerra, e nos cinco anos anteriores a região sul de Warwickshire estivera excepcionalmente isolada — sem turistas estrangeiros a caminho de Stratford ou Evesham, cerveja ruim e pouca nos bares. Em 1944 a colheita foi fraca; 1945 começou com clima quente e úmido, mas *alguém* achou que Charles Walton e seus sapos lhes dariam de novo uma colheita ruim. Na região sul de Warwickshire há métodos próprios e tradicionais de se lidar com bruxos. Segundo a crença local, quando se "sangra" um bruxo seu poder se neutraliza. Em 1643 os guardas do Parlamento viram uma mulher caminhando sobre as águas do rio, em Newbury, e a abateram a tiros, depois de rasgar sua testa para lhe retirar o poder. (Robbins crê que ela estivesse usando pernas de pau.) Em 1875, setenta anos antes do assassinato de Walton, um doente mental da aldeia, John Haywood, convenceu-se de que uma mulher de nome Ann Turner (ou Tenant) o enfeitiçara. Fincou-a, pois, ao

chão com um grande garfo de feno, e cortou-lhe a garganta e o peito em forma de cruz com a podadeira. Isto ocorreu a apenas três quilômetros de Lower Quinton, em Long Compton.

Que Walton foi bruxo é duvidoso, mas que os habitantes do lugar acreditavam nisso é quase certo. Para compreender o crime, bem como porque uma gente supostamente digna teria fechado os olhos aos fatos, temos de fazer um esforço de imaginação que nos transporte para os meses quentes de janeiro e fevereiro de 1945, num vilarejo isolado que sofria os efeitos de cinco anos de guerra. Walton foi morto em 14 de fevereiro, não só Dia de São Valentim e Quarta-feira de Cinzas, mas o dia em que os antigos druidas realizavam seus sacrifícios. (A data era 1º de fevereiro, mas o calendário dos druidas estava sempre duas semanas atrasado em relação ao nosso.) O sacrifício destinava-se a garantir boas colheitas. O assassinato de Walton provavelmente foi planejado com ineses de antecedência, talvez no outono anterior, quando se determinou a data. Parece razoavelmente seguro que se acreditava que seu "demônio familiar" fosse um cão negro, pois um cachorro preto foi encontrado enforcado poucos dias após o crime, no Monte Meon. E se alguém sentiu remorso pelo assassinato de um velho lavrador inofensivo, tal sentimento provavelmente desapareceu à medida que passaram os meses, pois a colheita *foi* realmente ruim naquele ano apesar do bom tempo. McCormick cita as palavras de um velho lavrador: "A colheita tinha que ser a melhor de todas, já que a primavera chegou cedo. Não dá para explicar essa safra ruim. Quando a colheita vai contra a natureza é porque alguma coisa está errada".

O caso de Lower Quinton não oferece muito interesse por si mesmo, mas nos permite entender alguma coisa da bruxaria praticada na Europa. A "moda européia das bruxas" (como a chama o professor Trevor-Roper) é um fenômeno desconcertante jamais explicado satisfatoriamente. Na Idade Média não se acreditava em bruxas: a doutrina oficial da Igreja, expressa no "cânone episcopal", preceituava que todo aquele que acreditasse em bruxas "é, sem dúvida, infiel e pagão".

A mudança de atitude iniciou-se no século XI, com o surgimento de uma poderosa seita denominada Cátaros. Em termos doutrinários, os cátaros descendiam dos gnósticos e dos maniqueus, de que já tratamos em outro capítulo. Acreditavam que o Deus do Antigo Testamento era um demônio e que o mundo foi criado pelo Diabo, o Monstro do Caos. Acreditavam na salvação através de Jesus, mas afirmavam que Jesus, na realidade, não fora crucificado. Sua forma terrena seria a de um espírito, pois como poderia a essência da bondade se incorporar na matéria, má por natureza? Como os maniqueus e os adeptos de uma seita russa chamada Skoptzi, que surgiu mais tarde, os cátaros defendiam a abstenção sexual, alegando ser mau tudo aquilo que prolongue a existência física.

É surpreendente como os cátaros obtiveram aceitação tão grande e generalizada. Originários dos Bálcãs, no século X, os cátaros foram aos poucos se espalhando por toda a Europa. Uma de suas seitas, nas proximidades da cidade